

CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE VENDEM NA RUA: FATORES QUE CONTRIBUEM E INTERFEREM NA COMPREENSÃO DA NOÇÃO DE LUCRO

Zilma Assad Suleiman Toman - UFPR
Tania Stoltz - UFPR

Este trabalho surgiu a partir dos resultados encontrados em pesquisas (DAROZ, STOLTZ, 2003; OTHMAN, STOLTZ, 2003, 2004, 2005a, 2005b; OTHMAN, DAROZ, STOLTZ, 2004; PIECZARKA, LAGO, STOLTZ, 2004; PIECZARKA, STOLTZ, 2005) que versavam sobre a organização do mundo social, o qual é composto por inúmeros pilares inter-relacionados, como o econômico, o político, a nação, a família, entre outros. O aspecto precocemente presente no cotidiano da criança é o econômico, pois ela costumeiramente acompanha a mãe às compras, vai ao cinema, compra doces e em inúmeras outras situações entra em contato com o dinheiro. Nestas pesquisas buscávamos verificar a compreensão da noção de lucro em crianças vendedoras de rua da cidade de Curitiba, Paraná, Brasil e comparar os dados aqui encontrados com os das pesquisas realizadas na Espanha, no México, na Austrália, no Zimbábue (JAHODA, 1983; BERTI, BOMBI, 1988; DELVAL, ECHEITA, 1991; DELVAL, 1999; DELVA, PADILLA, 1999; DELVAL, 2002; DELVAL, DÍAZ-BARRIGA, HINOJOSA, DAZA, 2003). O que verificamos nas crianças pesquisadas tanto no Brasil como nos outros países é que estas não conseguem entender a noção de lucro antes do nível das operações formais. É interessante destacar que as respostas dadas por crianças que ainda não entendem a noção de lucro são semelhantes independente do contexto cultural onde estão inseridas.

Ao analisar os dados encontrados, alguns fatos nos chamam a atenção como: se a atividade prática auxilia na aprendizagem, por que algumas crianças apesar de estarem em contato direto com a atividade de venda não compreendem a noção de lucro? Se a interação social é fundamental para a aquisição de conhecimento, por que alguns dos vendedores deram respostas equivocadas em relação ao conceito pesquisado? Que fatores podem contribuir para que a noção de lucro seja de fato compreendido pelas crianças?

Neste trabalho partindo da concepção piagetiana, pretendemos investigar quais os fatores que contribuem e os que interferem na compreensão da noção de lucro. Este

estudo justifica-se na medida em que levando em conta os fatores que contribuem e que interferem na compreensão da referida noção, possamos compreender melhor como se dá o conhecimento social, e assim contribuir com a área educacional, a qual tem como um de seus objetivos auxiliar os sujeitos a adotarem um papel ativo e inteligente na sua inserção na vida em sociedade.

Por muitos anos os estudos sobre o desenvolvimento da criança centraram-se principalmente no mundo físico e nas estruturas lógico-matemáticas, mas estudos sobre como a criança compreende a sociedade em que está inserida, como entende o sistema econômico e político, a divisão social, a guerra, as religiões, entre outros fatos que constituem a sociedade humana, estão ainda para serem explorados.

Os seres humanos, desde que nascem, estão sujeitos a regularidades impostas pelos adultos que lentamente tornam-se esquemas ritualizados que vão lhes determinando o que devem ou não fazer. Assim a criança vê o adulto como “onisciente, onipresente, justo e bom, origem das regularidades da natureza como das leis da moral” (PIAGET, 1932/1977, p.325). Os homens relacionam-se entre si e recebem um dos outros valores, normas e conceitos que organizam a sociedade e lentamente vão construindo representações e modelos da realidade que os cercam. (PIAGET, 1947/1958, 1965/1973, 1932/1977; DELVAL, 1989, 1991)

Em pesquisas realizadas pelos referidos autores verificou-se até o momento que as crianças adaptam-se ao mundo social em que vivem construindo modelos e representações deste e nessa atividade de construção elas vão desenvolvendo, trocando e fazendo representações mais complexas do funcionamento da vida social.

Os estudos realizados por Delval têm como fundamento os conceitos de Piaget que dedicou grande parte de seus trabalhos ao problema de como o sujeito constrói o conhecimento. O intuito principal da epistemologia genética (PIAGET, 1926/2005, 1932/1977, 1947/1958, 1965/1973, 1966/2003) é compreender como o sujeito passa de um estado de menor conhecimento a outro de maior conhecimento. Nesta perspectiva, a criança é um ser ativo que estabelece relação de troca com o meio físico e social e somente conhece a realidade atuando sobre ela.

A criança recebe informações sobre muitos fatos sociais e também as obtém ela mesmo atuando dentro do mundo social, adaptando-se a situações novas, assimilando e acomodando estas informações em esquemas que já possui. A adaptação é a essência do funcionamento intelectual, é o equilíbrio entre a assimilação e a acomodação. Os esquemas são como estruturas mentais ou cognitivas, ou padrão de comportamento ou

pensamento, que surgem da integração de unidades mais simples e primitivas em um todo mais amplo, mais organizado e mais complexo, pelos quais os indivíduos intelectualmente se adaptam e organizam o meio (PIAGET, 1967/2003). A assimilação é o processo cognitivo pelo qual um sujeito integra um novo dado, motor ou conceitual, às estruturas cognitivas já existentes. A acomodação acontece quando a criança não consegue assimilar um novo estímulo, ou seja, não existe uma estrutura cognitiva que assimile a nova informação em função das particularidades desse novo estímulo. Diante deste impasse, restam apenas duas saídas: criar um novo esquema ou modificar um esquema existente. Ambas as ações resultam em uma mudança na estrutura cognitiva (PIAGET, 1967/2003). Ocorrida a acomodação, a criança pode tentar assimilar o estímulo novamente, e uma vez modificada a estrutura cognitiva, o estímulo é prontamente assimilado. Não há assimilação sem acomodações (anteriores ou atuais), também não existem acomodações sem assimilação. Isto significa que o meio não provoca simplesmente o registro de impressões ou a formação de cópias, mas desencadeia ajustamentos ativos no sujeito. “(...) a inteligência constitui o estado de equilíbrio para o qual tendem todas as adaptações sucessivas de ordem sensório motor e cognitiva, bem como todas as permutas assimiladoras e acomodadoras entre o organismo e o meio” (PIAGET, 1947/1958, p.32).

A criança apoiando-se no que já conhece e incorporando o novo vai elaborando explicações sobre como e por que as coisas acontecem de uma forma ou de outra, e assim vai construindo a sua forma de ver o funcionamento dos sistemas sociais. Ao adquirir as regras e valores sociais a criança começa a teorizar sobre elas, e tenta encontrar explicações de por que é preciso ou não ter certas atitudes.

A capacidade intelectual da criança vai se desenvolvendo lentamente e formando a base para que esta compreenda o mundo social que a cerca. Os estágios do desenvolvimento da criança identificados por Piaget (1932/1977, 1946/1975, 1947/1958, 1966/2003) representam as possibilidades de entender, de estabelecer relações da realidade e são: o sensório-motor que se inicia no nascimento e estende-se até dois anos aproximadamente, a inteligência da criança é essencialmente prática, ligada ao sensorial e a ação motora. O pré-operatório que se inicia por volta dos dois anos e chega até sete anos em média, há o começo da linguagem, da função simbólica e do pensamento representativo; o egocentrismo, a ausência da reversibilidade, a insensibilidade à contradição, o pensamento exclusivamente ligado aos indícios perceptivos são típicos desse estágio. O operatório concreto que se inicia em média aos

sete anos e chega até onze mais ou menos é caracterizado pela superação do egocentrismo, o aparecimento da reversibilidade, mas a criança ainda opera sobre objetos. O operatório formal, que vai dos onze anos até o fim da adolescência, neste estágio há o aparecimento da lógica, o sujeito é capaz de operar hipoteticamente e fazer inúmeras relações e análises teóricas. Para passar de um estágio para o outro é importante ressaltar que: cada estágio organiza-se de modo estrutural; estes estágios têm uma seqüência constante, embora a idade dos sujeitos possa variar de acordo com a sociedade na qual a criança está inserida; um estágio integra-se ao seguinte sendo a passagem de uma estrutura para outra lenta e gradual.

A criança não passa de um estágio de conhecimento para outro abruptamente, há quatro fatores (PIAGET, 1932/1977, 1946/1975, 1947/1958, 1966/2003, 1965/1973, 1967/2003,) inter-relacionados, que explicam o desenvolvimento de um grupo de estruturas para outro. Estes fatores são necessários, mas não suficientes. São eles: a maturação, especialmente do sistema nervoso central, representa os processos maturacionais que ocorrem nas crianças e que possibilitam que os outros fatores aconteçam; a experiência, que pode ser física, quando a criança age diretamente sobre o objeto e assim abstrai algum conhecimento físico ou lógico-matemático, quando a criança deduz algo da ação realizada sobre os objetos e não com eles; a transmissão e interação social, que permite à criança agregar conhecimentos do meio social ao qual está inserida como: aquisição de valores, linguagem, costumes e padrões culturais e sociais; a equilibração ou processo de auto-regulação interna do organismo, que se constitui na busca sucessiva de reequilíbrio após cada desequilíbrio sofrido. A equilibração constitui o processo de coordenação da maturação, experiências e socialização de modo a construir e reconstruir estruturas mentais.

Nos estudos psicogenéticos o motor é o processo de equilibração, pois novos acontecimentos provocam desequilíbrios momentâneos nas atitudes dos sujeitos, estes são sentidos como se algo estivesse errado, levando a um certo conflito cognitivo e é exatamente este conflito que desempenha um papel fundamental na aquisição de novos conhecimentos. Os sujeitos que não mostram conflito progredem menos do que os que tomam consciência das contradições e buscam soluções de compromisso para superá-los.

Nas pesquisas realizadas já citadas sobre a compreensão da noção de lucro no Brasil, verificamos que as crianças deram respostas evasivas, evidenciando as dificuldades relacionadas com a compreensão da noção de lucro. Percebemos que

alguns sujeitos atribuem o mesmo valor ao preço de compra e venda; o vendedor pode variar o preço como desejo; alguns dizem que o vendedor deve cobrar mais do que pagou, mas não sabem explicar o por que. Dessa forma parece-nos que o saber cobrar mais é um conhecimento fornecido pelo meio em que vivem, mas entender o processo do porque isso ocorre depende de um fator interno que demanda uma construção apoiada na reflexão sobre a ação. E é para entender um pouco mais sobre os fatores que contribuem e interferem nesta construção que desenvolvemos esta pesquisa.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória. Foram investigadas dez crianças vendedoras de rua localizadas no anel central da cidade de Curitiba, Paraná, Brasil.

Para realizar a pesquisa da qual originaram-se nossas atuais indagações foi utilizado o método clínico crítico de Piaget que segundo Delval “é um procedimento para investigar como as crianças pensam, percebem, agem e sentem, que procura descobrir o que não é evidente no que os sujeitos fazem ou dizem, o que está por trás da aparência de sua conduta, seja em ações ou palavras” (2002, p. 67). A partir do método clínico foi elaborado um questionário dividido em dois blocos, o primeiro referia-se aos produtos que as crianças estavam vendendo e o segundo bloco versava sobre a compra de um lápis. Esta divisão em dois blocos foi feita para verificarmos se havia maior compreensão em relação ao produto que a criança vendia do que com um produto, que estava mais distante de sua atividade.

Realizamos a entrevista no momento em que a criança estava vendendo. Como estratégia facilitadora, foi-lhe proposta a compra de um de seus produtos em troca da concessão de uma entrevista. Estas foram gravadas e transcritas. Após, organizaram-se as informações colhidas em planilhas descritivas. Realizou-se um mapeamento de cada caso e do grupo como um todo, o qual deveria fornecer indicativos sobre a compreensão da noção de lucro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta amostra foram investigados sujeitos com idade entre seis e treze anos, sendo sete meninos e três meninas. Todos moram em bairros ou na Região Metropolitana de Curitiba e estavam na rua vendendo flores, adesivos, balas, agulhas,

sob o olhar da mãe, irmãos mais velhos ou vizinhos. Elas afirmaram que trabalham quase todos os dias e ficam em média de seis a oito horas por dia na rua. Encontramos dois casos distintos: o primeiro envolve a não compreensão da noção de lucro e incluem-se Ro (6;6) e da Ca (6;6), Ana (13;8) e da Car (13;4), Ge (10;0) e Jos (9;8). O segundo grupo envolvem crianças que apresentam níveis de compreensão na noção de lucro, neste caso estão envolvidos Jô (9;5), Ed (12;3), Ma (12;5) e Lu (11;7).

Seis crianças demonstram a não compreensão da noção de lucro. Levantamos hipóteses explicativas relativas aos fatores que estariam contribuindo para esta não compreensão: Ro (6;6) e da Ca (6;6) recebem o produto da mãe com o preço estabelecido. Afirmam que não é possível alterar o valor da mercadoria, nem para mais nem para menos, porque a mãe não deixaria. Todo o dinheiro que conseguem entregam para as mães. Vemos aqui claramente a coerção do adulto na atividade de venda realizada pela criança, assim como afirma Piaget “A coação é a moral do dever puro e da heteronomia: a criança aceita do adulto um certo número de ordens às quais devem submeter-se, quaisquer que seja as circunstâncias” (1965/1973, p. 288). Possivelmente estas crianças não compreendem a noção de lucro porque sua estrutura cognitiva ainda não possibilita fazer operações e também porque a interação social é totalmente coercitiva não favorecendo a reflexão sobre o processo de compra-venda-estabelecimento do preço. Assim, o estar em contato com o trabalho não está contribuindo com a aprendizagem. A criança está apenas executando uma atividade mecânica, fato que não proporciona indagações que possibilite o conflito cognitivo.

Outro exemplo de não compreensão é o da Ana (13;8) e da Car (13;4). Suas mães dão as mercadorias com preço já determinado. Disseram que não poderiam alterar o preço nem para mais nem para menos porque a mãe não deixaria. Entregam o resultado do trabalho para a mãe. É possível perceber que essas meninas sofrem imposições das mães no que se refere à atividade de venda. Piaget nos diz em relação às regras impostas pelo adulto, “estas permanecendo de qualquer forma, exteriores à consciência do indivíduo, não transformam verdadeiramente seu comportamento. Por isso que a criança considera a regra como sagrada, embora não a praticando na realidade” (1932/1977, p. 53). Há indicativos de que apesar de terem a estrutura formal para compreenderem tal noção, falta-lhes a reflexão sobre a ação, que provavelmente em virtude de uma interação social unilateral, como no caso da coerção, é obstruída porque essas adolescentes apenas executam ordens. Este fato possivelmente inibe a construção da autonomia e evidencia a vigência da heteronomia. Elas não são levadas a

refletir sobre a atividade e sua experiência com o objeto não provoca questionamentos, não as incitam ao conflito cognitivo e, conseqüentemente, a compreensão da noção de lucro.

Também em Ge (10;0) e em Jos (9;8), não há compreensão da noção de lucro. As mães compram a mercadoria e fixam o preço das mesmas. Comentaram que o preço poderia mudar para mais, porque para menos a mãe não deixaria e também porque o preço ficaria reduzido. Dão todo o dinheiro arrecadado para as mães, as quais exercem uma ação coercitiva sobre eles pela imposição de regras no processo de compra, atribuição de preço e venda dos produtos. No entanto, podemos ver aqui o início de consciência, visto que embora a regra imposta pela mãe seja seguida, eles começam a considerar o valor obtido com a venda na sua explicação. “O pensamento, de fato, está sempre atrasado em relação à ação e a cooperação deve ser praticada muito tempo antes que suas conseqüências possam ser plenamente manifestadas pela reflexão” afirma Piaget (1965/1973 p. 55). Apesar de terem a estrutura para compreenderem tal noção, há indicativos de que a interação social os obriga a executarem ordens, não os levando a refletir sobre a atividade. Percebe-se que a experiência com o objeto é reduzida, eles não participam da compra e determinação do preço da mercadoria. Assim, o fato de estarem em contato com o trabalho pouco auxilia na compreensão da noção de lucro. É provável que nada na sua atividade os faça questionar sobre o que estão fazendo. Dessa forma, estes sujeitos têm pouca oportunidade de vivência do conflito cognitivo e, conseqüentemente, de compreender a noção de lucro.

Tivemos indicativos de quatro crianças que demonstram a compreensão da noção de lucro e destacamos aqui os fatores que possivelmente contribuem para a sua compreensão. Jô (9,5) adquire o produto que vende e estipula seu valor. Afirma que só pode mudar o valor do produto para mais porque senão perderia dinheiro. Dá um pouco do dinheiro para a mãe e o restante fica com ele. Vemos aqui que há colaboração entre a criança e a mãe. Jô demonstra raciocínio formal no que tange a compreensão dessa noção. Além dos outros fatores, uma hipótese para tal fato seja a possibilidade de exercício da sua autonomia. Sua experiência com o objeto é ativa, ele participa de todo o processo - compra, atribui o preço e realiza a venda da mercadoria, o que provavelmente o leva ao conflito cognitivo e à busca de sua superação. “Quando não há vigilância a crianças se liberta da coação, este fato leva a autonomia e o sujeito torna-se capaz de progredir” (PIAGET, 1932/1977, p. 332).

De forma semelhante Ed (12;3), Ma (12;5) e Lu (11;7) compram a mercadoria e estabelecem o valor de venda, são donos da própria atividade. Falam que podem mudar para mais, nunca para menos porque senão não teriam lucro, (foram os únicos que utilizaram a expressão ‘lucro’). Ficam com grande parte do dinheiro, e dão um pouco para a mãe para ajudar nas despesas domésticas. Estes garotos agem em cooperação com a mãe. “Sendo a cooperação fonte de personalidade, na mesma ocasião às regras deixam de ser exteriores. Tornam-se, ao mesmo tempo, fatores e produtos da personalidade, segundo um processo circular tão freqüente no decorrer do desenvolvimento mental. A autonomia sucede assim a heteronomia” afirma Piaget (1932/1977, p. 83). Eles estão no nível das operações formais, e também demonstram a compreensão da noção de lucro. É necessário destacar que estes meninos participam de todo o processo - compram, atribuem preço e realizam a venda da mercadoria, percebemos assim sua maior autonomia. Identificamos nestes casos que a interação social é de cooperação e a experiência com o objeto é autônoma, estimulante, fatos que contribuem para o conflito cognitivo que pode conduzir à compreensão do conceito de lucro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste trabalho deram indicativos de fatores que possivelmente podem interferir e contribuir na compreensão da criança. Adotando o referencial piagetiano sobre a construção do conhecimento, podemos afirmar que a compreensão da noção de lucro envolve uma relação entre o nível de competência cognitiva, a experiência com o objeto, a contribuição da interação social e a uma construção e reelaboração individual, a qual fala do fator de equilíbrio.

O nível geral de desenvolvimento cognitivo é importante porque a criança precisa ter estruturas para assimilar e acomodar novos conhecimentos. Por outro lado, não é suficiente, visto que adolescentes que se encontram no nível das operações formais não compreendem a noção de lucro. Este problema nos leva a outros fatores: a experiência com o objeto e a interação social.

Podemos inferir, assim, que trabalhar com material é interessante, mas não suficiente para que haja compreensão, pois crianças com experiência de venda não têm domínio da noção de lucro. É necessário levantar provocações que obriguem o sujeito a se libertar do material, pois este, embora auxilie na compreensão, pode também

representar uma prisão, não deixando que o sujeito ultrapasse seus limites. A atividade pela atividade não tem grande resultado quando não colabora com a provocação de conflitos cognitivos, não levando o sujeito à reflexão.

Somos levados a concluir que a interação coercitiva impede o desenvolvimento da autonomia em relação a determinados conceitos em qualquer nível e como afirma Piaget “a coerção conduz a uma moral da heteronomia, a uma moral da obediência à lei enquanto tal, sejam quais forem seu conteúdo e suas intenções.” (1998, p 108) As relações cunhadas pela heteronomia, pela imposição de procedimentos, regras e normas, são prejudiciais e põe obstáculos ao desenvolvimento da reflexão sobre a ação necessária para a construção da compreensão. Por isso a interação cooperativa é fundamental na atividade educativa, porque permite a atividade do sujeito. Ao lado disso o questionamento que o educador ou a pessoa que interage com a criança faz em relação com a atividade dessa criança pode auxiliar no sentido de avanço da compreensão de noções (STOLTZ, 2005a, 2005b, 2006).

O que se pretendeu aqui foi propiciar a oportunidade de um momento de debate sobre fatores que podem interferir ou contribuir na compreensão de noções. Conhecendo melhor os fatores que contribuem e que interferem na compreensão da noção de lucro poderemos estabelecer melhor e de forma mais específica, como os sujeitos constroem progressivamente o conhecimento social.

BIBLIOGRAFIA

BERT, A. E. ;BOMBI, A. S. El mundo economico nel bambino. Firenze: La Nuova Itália. Trad. Inglesa de G. Duveen: The child's construction of economics. Cambridge: Cambrigde University Press, 1988.

DAROZ, M. S. ; STOLTZ, T. Característica da estrutura familiar da criança trabalhadora no anel central de Curitiba. In: Encontro Nacional dos Professores do PROEPRE, 19, Águas de Lindóia - SP. XIX Encontro Nacional de Professores do PROEPRE 20 anos. Campinas - SP: Graf. FE, 2003.

DELVAL, J. La representación infantil del mundo social. In: TURIEL, E.;ENESCO, I.; LINAZA, J. El mundo adulto en la mente infantil. Madrid: Alianza, 1989.

DELVAL J; ECHEITA, G. La comprensión en el niño del mecanismo de intercambio económico y el problema de la ganancia. In Revista Infancia y aprendizaje, 1991. n. 54, p. 71-99.

DELVAL J; PADILHA, M. L. El desarrollo del conocimiento sobre la sociedad. In: LÓPEZ, F.; ETXEARRIA, I.; FUENTES, M. J.; ORTIZ, M.J. (Coords) Desarrollo afectivo y social. Madrid: Pirâmide, 1999. p.125-150.

DELVAL, J. Introdução à prática do Método Clínico: descobrindo o pensamento das crianças. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DELVAL J.; DÍAZ-BARRIGA, F.; HINOJOSA, M.L.; DAZA, D. Experiência y conocimiento social: um estudio preliminar sobre las ideas de trabajo y ganancia em niños trabajadores mexicanos. Manuscrito inédito, 2003.

JAHODA, D. European 'lag' in the development of an economic concept: A study in Zimbabwe. British Journal of Development Psychology, 1983. p. 113-120.

OTHMAN, Z. A. S. ; STOLTZ, T. A compreensão da necessidade de reposição das mercadorias e a prática de diferentes preços realizada pelos estabelecimentos comerciais para as crianças trabalhadoras de rua no anel central da cidade de Curitiba. In: Encontro Nacional de Professores do PROEPRE, 19, Águas de Lindóia - SP. XIX Encontro Nacional de Professores do PROEPRE 20 Anos. Campinas - SP : Graf. FE, 2003.

OTHMAN, Z. A. S., DAROZ, M. S., STOLTZ, T. Influência da família na compreensão da noção de lucro em crianças trabalhadoras no anel central de Curitiba In: I Congresso Internacional de Educação e Desenvolvimento Humano, Maringá-PR, 2004.

OTHMAN, Z. A. S., STOLTZ, T. A compreensão da necessidade de reposição das mercadorias e a diversidade de preços encontrado no comercio para as crianças vendedoras de rua no anel central da cidade de Curitiba In: Evento de Iniciação Científica, 12º EVINCI. Curitiba: UFPR, 2004. v. 1, p.75

OTHMAN, Z. A. S. ; STOLTZ, T. A reposição de mercadorias e a variação de preço na ótica de crianças vendedoras de rua de Curitiba. In: Semana de Ensino Pesquisa e Extensão - UFPR, 18., 2005, Curitiba. XVIII Semana de Ensino Pesquisa e Extensão - UFPR. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005a. v. 1. p. 01.

OTHMAN, Z. A. S. ; STOLTZ, T. A compreensão da necessidade de reposição de mercadorias e a prática de diferentes preços realizados pelos estabelecimentos comerciais para as crianças trabalhadoras de rua no anel central de Curitiba. In: Evento de Iniciação Científica, 13º EVINCI. Curitiba: UFPR, 2005b. v. 1, p. 328.

PIAGET, J. A representação do mundo na criança. Rio de Janeiro: Record, 1926/2005.

_____. O Julgamento moral na criança. São Paulo: Mestre Jou, 1932/1977.

_____. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1946/1975.

_____. Psicologia da Inteligência. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1947/1958.

_____. Estudos Sociológicos. Rio de Janeiro: Forense, 1965/1973.

_____. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Difel, 1966/2003.

_____. A evolução social e a pedagogia nova. In: PARRAT-DAYAN, Silvia. TRYPHON, Anastácia. (orgs). Sobre a Pedagogia: textos inéditos. SP: Casa do Psicólogo, 1998.

PIECZARKA, T ; LAGO, P. M. ; STOLTZ, T. Estudos sobre o desenvolvimento do conhecimento social. In: I Congresso Internacional de Educação e Desenvolvimento Humano. Universidade Estadual de Maringá, 2004. v. 1.

PIECZARKA, T.; STOLTZ, T. A evolução da noção de lucro em crianças trabalhadoras de rua no anel central da cidade de Curitiba. In: Evento de Iniciação Científica, 13º EVINCI. Curitiba: UFPR, 2005. v. 1, p. 295.

STOLTZ, T. Interação Social e Tomada de Consciência da noção de conservação da substância e do peso. São Paulo. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

STOLTZ, T. Interaction social et prise de conscience des notions de conservation de la substance et du poids. In: 2e colloque Constructivisme et éducation Scolariser la petite enfance? Genebra: Departement de l'instruction publique-Service de la recherche en éducation, 2005a. v. 2. p. 346-352.

STOLTZ, T. Mídia, cognição e educação. IN: Educar em revista, Curitiba, 2005b. v. 26, n. 1, p. 147-156.

STOLTZ, T. La compréhension de la connaissance sociale: la relation entre forme et contenu. In: XIVème Colloque Section Portugaise de l'AFIRSE, Lisboa. Pour un bilan de la recherche en education de 1960 à 2005- Théories et Pratiques. Lisboa: Porto Editora, 2006. v. 1. p. 44-45.